

## SAPATOS QUE NOS CABEM: DIVERSIDADE SEXUAL E LITERATURA JUVENIL NA ESCOLA

*Samira dos Santos Ramos<sup>1</sup>*  
*Helder Thiago Cordeiro Maia<sup>2</sup>*

### RESUMO

Desde o Decreto 9.099/2017, o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) foi unificado com o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) através da modalidade PNLD-Literário. Com diretrizes que versam sobre pluralismo de ideias, diversidade social, apreço à tolerância, o programa encontra na aquisição de obras literárias um interstício para romper as interdições e proporcionar o encontro da juventude com temas profundamente ligados às suas vivências, mas censurados pelos discursos conservadores. Entre esses temas, o gênero e a diversidade sexual estão presentes. Este trabalho tem como objetivo analisar como a literatura promove acesso aos discursos contrários à lgbtfobia a partir da obra *Sapato de Salto*, de Lygia Bojunga (2018), integrante do PNLD Literário Ensino Médio 2018. Considera os estudos de Lajolo e Zilberman (2017) sobre as políticas públicas e a interferência da escola na literatura, assim como as análises de Grossi (2004), Connell (1995; 1997; 2016) e Lugarinho (2013) acerca do gênero e da diversidade sexual na sociedade, na adolescência e na literatura. Concluimos a priori que a expressividade do uso da linguagem, a estética da obra e as representações de códigos de comportamento e de valores tornam possível a promoção do diálogo respeitoso sobre a homoafetividade na escola.

**Palavras-chave:** PNLD Literário, Literatura juvenil, *Sapato de Salto*, Diversidade sexual.

---

1 Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), [samiramos@alumni.usp.br](mailto:samiramos@alumni.usp.br);

2 Professor orientador. Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), [helderthiagomaia@usp.br](mailto:helderthiagomaia@usp.br)

## INTRODUÇÃO

*Eu calço é trinta e sete  
Meu pai me dá trinta e seis  
Dói, mas no dia seguinte,  
Aperto meu pé outra vez.*

Raul Seixas e Claudio Roberto

A leitura literária e o ensino têm uma relação antiga e profunda. Dos preceptores às escolas públicas, as obras literárias sempre tiveram um lugar importante na formação cultural ocidental. Contudo, sua persistência na tradição escolar esteve menos relacionada à educação literária do que a outros interesses, como o ensino da língua e o ensino de valores sociais e morais (Colomer, 2007). Por séculos, obras clássicas destinadas inicialmente aos adultos foram ofertadas, adaptadas ou não, à leitura dos jovens e, com isso, temas fundamentais à condição humana, os modos de vida e os valores sociais foram apresentados através de efabulações que envolviam o amor, a traição, morte, a guerra, a fome, a loucura, o vício, entre outros temas fraturantes, encontrados em obras como Dom Quixote, A odisseia, os contos de fadas, a Bíblia...

No entanto, o surgimento da literatura para crianças e jovens e a sua vinculação com o ambiente escolar terminaram por criar uma cadeia de censores, aplicando pressão moral para definir o que deve ou não ser incorporado nos livros que chegam às escolas. No Brasil não é diferente. Em 2019, um vereador da cidade de Limeira, em São Paulo, questionou a leitura da obra “A bolsa amarela”, escrito por Lygia Bojunga em 1976, por promover a ideologia de gênero. Não é um caso isolado, mas ilustra o argumento, pois, no discurso reacionário do vereador “O governo vira as costas para a vontade da população e investe contra nossas crianças e contra a família’, declarou, apontando que ele foi procurado por mães de alunos se disseram ‘perdas e pedem ajuda contra essa afronta a sua moral” (LIVRO, 2019).

Esta pressão moral parte de um entendimento da literatura juvenil que prioriza o pedagógico e o utilitário, mas, principalmente, que acredita, como afirma Hunt (2010, p. 207) que “estamos todos do lado do bem” e que as “ambições de escritores, críticos, pais e do restante de nós são ideologicamente neutras”. As afirmações de Hunt são direcionadas ao livro infantil, mas podemos generalizá-las para a literatura juvenil, pois a mesma sanha por neutralidade também esconde as ideologias cisheteronormativas, liberais, racistas, patriarcais, judaico-cristãs presentes em obras amplamente aceitas como clássicas.

Logo, em um terreno tão movediço, a escolha da obra literária para ser lida na escola é um processo tenso, principalmente quando tratamos de livros que promovem a diversidade ou colocam em suspeição os modelos normativos que determinam as expressões de identidade, desejo e afeto como destino biológico. E, justamente por esta tensão, consideramos a inclusão de “Sapato de Salto”, de Lygia Bojunga, nos acervos literários escolares do Ensino Médio, por intermédio do Programa Nacional do Livro e do Material Didático 2018 – Literário (PNLD2018-Literário), como um importante aliado no diálogo respeitoso sobre diversidade sexual na escola<sup>3</sup>.

Assim, este artigo, a partir do comparatismo literário, tem como objetivo analisar como a literatura promove acesso aos discursos contrários à lgbtfobia a partir da obra Sapato de Salto, de Lygia Bojunga (2018), integrante do PNLD2018 - Literário. Para isso, analisa os documentos primários, como o Guia Digital PNLD e outros dispositivos legais, bem como discute as políticas públicas e a interferência da escola na literatura. Em seguida, propõe-se a discutir gênero e diversidade sexual na obra Sapato de Salto, de Lygia Bojunga, sob a ótica dos Estudos de Gênero.

## METODOLOGIA

A leitura da obra Sapatos de Salto (2018) neste artigo tem como fundamento metodológico o comparatismo literário. Esta escolha justifica-se por ser uma área que tem apresentado abertura para um viés interdiscursivo, no qual é possível explorar a interface com outras áreas do conhecimento (Inácio, 2019), como os Estudos de Gênero, além de que:

Como bem se pode observar, essas três tendências parecem aduzir para a possibilidade de ter/ser a Literatura Comparada um território fronteiriço que tangencia às línguas, às práticas discursivas e culturais, bem como os discursos estéticos que pertençam quer a um ou mais sistemas literários ou simbólicos, nacionalidades, gêneros. Ressalte-se por esta visada, ainda, o potencial histórico, político e ideológico atinente às práticas literárias (INÁCIO, 2019, p. 18).

---

3 Este entendimento foi construído a partir de uma experiência docente no ano de 2019, quando ministrava a disciplina de Língua Portuguesa uma instituição de ensino federal, no estado de Mato Grosso, em uma cidade considerada conservadora, quando tive a oportunidade de mediar a leitura de Sapato de Salto com duas turmas de segundo ano do Ensino Médio Integrado ao Ensino Técnico. Este artigo não se trata de um relato de experiência, mas justifico que foi a leitura ávida e emocionada dos estudantes e as discussões cheias de silêncios significativos e questionamentos profundos que me provocaram a escrever este trabalho.



As perspectivas atuais do comparatismo literário criam novas intersecções a partir do contato entre a literatura e outros sistemas semióticos e entre a literatura e as ciências humanas, como a Educação, com o objetivo de compreender fenômenos que perpassam a matéria literária – e são perpassados por esta. Ou seja, as tendências atuais do comparatismo literário têm problematizado o texto literário a partir de sua interação com outros textos, passando de uma abordagem inter-literária para uma abordagem inter-textos, sendo estes literários ou não-literários.

Em outra análise, a tendência multidisciplinar, alicerçada em correntes de pensamento contemporâneas como a Desconstrução e os Estudos Culturais, assume que a ideia de identidade, antes fortemente ligada à ideia de nação, dissolve-se e torna-se múltipla e fragmentada. O estudo dessas novas identidades, em leituras fundamentadas em interseccionalidades de raça, gênero, classe, para além da nacionalidade, tornou possível também as comparações transtemporais e supranacionais (Buesco, 2009) dos produtos culturais.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), desenvolvido de 1997 a 2017, foi reformulado através do Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017 (Brasil, 2017), e unificado ao Programa Nacional do Livro Didático, que passou a se chamar Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). O programa avalia e disponibiliza obras didáticas para as escolas públicas e conveniadas, entre elas, as obras literárias através do PNLD-Literário.

Entre as obras aprovadas no Edital de Convocação 02/2018 – CGPLI (MEC, 2018), está o romance Sapato de Salto, de Lygia Bojunga (2018). A obra, aprovada na categoria Ensino Médio – Língua Portuguesa, foi apresentada aos professores como um texto que trazia como temas “a vulnerabilidade dos jovens, diálogos com a sociologia e a antropologia, inquietações das juventudes, o jovem no mundo do trabalho, protagonismo juvenil” (Guia, 2018). No entanto, a contracapa do livro apresenta uma descrição bem mais pertinente “São histórias [Aula de Inglês e Sapato de Salto] que lidam com os permanentes conflitos sexuais, amorosos e familiares que dificultam e/ou iluminam a trajetória de adolescentes e adultos” (Bojunga, 2018).

A temática da obra no site coaduna com o Edital, que definia o que deveria ser contemplado pelas obras indicadas para estudantes do 1º ao 3º ano do Ensino Médio:

- 4.10.6. Temas da Categoria 6 (1º ao 3º ano do Ensino Médio):
- a) Projetos de vida;

- b) Inquietações das Juventudes;
- c) O jovem no mundo do trabalho;
- d) A vulnerabilidade dos jovens;
- e) Cultura digital no cotidiano do jovem;
- f) Bullying e respeito à diferença;
- g) Protagonismo juvenil;
- h) Cidadania;
- i) Diálogos com a sociologia e a antropologia;
- j) Ficção, mistério e fantasia;
- k) Outros temas. (MEC, 2018, p. 4-5)

Ao analisarmos a lista, é observável que qualquer dimensão relacionada ao gênero, que era expressamente presente desde que orientação sexual se tornou um tema transversal nos Parâmetros Nacionais Curriculares (PCNs) em 1996, foi pulverizada. Estariam as questões de diversidade sexual inclusas nas Inquietações da Juventude – pois não inquietam as outras fases da vida? Tal raciocínio acompanha a pulverização do tema orientação/diversidade sexual nos genéricos Temas Contemporâneos Transversais da Base Nacional Curricular Comum (BNCC)<sup>4</sup>, possivelmente mais pela quantidade de discursos reacionários mobilizados contra qualquer abordagem dessas temáticas nas escolas, do que pela superação das questões de gênero/sexualidade que a tornassem pouco *contemporâneas* para os novos temas transversais.

Logo, tal escamoteação da temática deve ter efeito futuro nas obras literárias para jovens, dado a vinculação entre a produção literária juvenil e a aquisição de livros pelo Estado. Porém, é fundamental afirmar que a necessidade de responder às demandas de editais de aquisição de livros, porém, não se iniciou com o PNLD-Literário. Para Lajolo e Zilberman (2017), o papel dos órgãos estatais em gerenciar os livros para crianças e jovens ocorre desde o final do século XIX e tem impactado a cadeia de livros e também os avaliadores técnicos das compras governamentais, colocando em risco a qualidade vanguardista das obras literárias brasileiras. Sobre alguns pareceres que priorizam recortes pedagógicos, as autoras apontam:

Talvez seja desnecessário apontar que discursos desse teor podem espalhar a produção literária, patrulhando de forma impiedosa

4 De acordo com a BNCC, os Temas Contemporâneos Transversais são 15: Educação Ambiental; Educação para o Consumo, Trabalho, Educação Financeira; Educação Fiscal; Saúde; Educação Alimentar e Nutricional; Vida Familiar e Social; Educação para o Trânsito; Educação em Direitos Humanos; Direitos da Criança e do Adolescente; Processo de envelhecimento, respeito e valorização do Idoso; Diversidade Cultural; Educação para a valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais Brasileiras; e Ciência e Tecnologia. (Brasil, 2019).

enredos, peripécias, personagens, com risco grande de pasteurização do produto. Tais gestos, se fortalecidos e generalizados, denegam ao livro infantil o perfil de vanguarda se se entender – como pré-requisito da vanguarda – ruptura, ao invés de satisfação das expectativas do público. (LAJOLO e ZILBERMAN, 2017, p. 71).

Por outro lado, também é excessivo dizer que os dispositivos legais impedem a diversidade ou ignoram a preocupação estética com as obras literárias. No Decreto nº 90.099 (Brasil, 2017), o Artigo 10º determina que a avaliação pedagógica tenha como um dos critérios a qualidade do texto e a adequação temática. Além disso, o Artigo 3º apresenta as diretrizes do PNLD, a saber:

- I - o respeito ao pluralismo de ideias e concepções pedagógicas;
- II - o respeito às diversidades sociais, culturais e regionais;
- III - o respeito à autonomia pedagógica das instituições de ensino;
- IV - o respeito à liberdade e o apreço à tolerância; (BRASIL, 2017)

Assim, apesar das temáticas serem restritas, exigindo dos responsáveis pelos direitos autorais das obras alguma criatividade no enquadramento das temáticas, com diretrizes que versam sobre pluralismo de ideias, diversidade social, apreço à tolerância, o programa encontra na aquisição de obras literárias um interstício para romper as interdições e proporcionar o encontro da juventude com temas profundamente ligados às suas vivências, mas censurados pelos discursos conservadores.

Entre esses temas, está a diversidade sexual, que não é nenhuma novidade na Literatura Juvenil. Nos últimos trinta anos, a partir da redemocratização do país e das novas políticas educacionais, as temáticas voltadas ao gênero e à sexualidade permeiam a literatura juvenil (Gregorin Filho, 2011), fazendo coro à necessidade de se suspender o tabu sobre uma parte importante da vida dos jovens: a descoberta do próprio corpo, da afetividade e do sexo, como ocorre com Andrea Doria em Sapatos de Salto, de Lygia Bojunga.

Portanto, no contexto atual em que as políticas educacionais retroagem, retirando de seus temas transversais e dos editais as temáticas relacionadas ao gênero e à diversidade sexual, ameaçadas pela pressão moral e pelos discursos reacionários de grupos conservadores, a permanência da obra de Bojunga (2018) entre as obras aprovadas deve ser compreendida como uma pequena vitória, pois além da qualidade estética, marcada pelo uso expressivo da linguagem por Bojunga, a efabulação abre espaço para diálogos importantes sobre violência de gênero, masculinidades, homoafetividade, entre outros temas fraturantes, de forma sensível.



Neste artigo, aludiremos às questões de masculinidades, homossexualização, homoafetividade e homossexualidade presentes na obra, tomando-a como uma aliada contra a homofobia na escola, não por reconhecer a função utilitária da obra, mas porque sua dimensão artística possibilita a imersão na diegese narrada, aproximando os leitores dos conflitos vividos pelas personagens de forma empática, suscitando questões que mobilizam a reflexão de quem lê.

No romance, Andrea Doria é um adolescente de 13 anos que deseja aprender a dançar com Inês, tia de Sabrina. Andrea vive o conflito de se envolver física e afetivamente com um rapaz mais velho, Joel, em um complicado sistema de poder. E, ao mesmo tempo, o rapaz lida com a violência verbal e física de seu pai, Rodolfo, que busca reprimir seus gostos e comportamentos, impondo-lhe que siga condutas e sentimentos “mais apropriados aos homens”. Leonardo, tio de Andrea, contrapõe-se ao universo de Rodolfo.

Para Connell (1995) a consciência histórica sobre masculinidade já constitui um conceito estabelecido mesmo entre os conservadores. E há também uma compreensão geral de que o paradigma identitário do homem moderno alterou-se da lógica bélica para a lógica capitalista (Lugarinho, 2013). Mas, para além das mudanças no tempo, há “diferentes configurações de práticas em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero” (Connell, 1995, p. 188), o que faz com que sejam produzidas masculinidades diferentes em um mesmo contexto.

Rodolfo é a personagem que quer “apertar os sapatos” de Andrea. A masculinidade não hegemônica do filho o incomoda e se opõe veementemente que o rapaz dance, pois para ele essa atividade não está ligada à sua concepção de homem, como expressado na discussão com Paloma, a mãe do rapaz, quando afirma que o relacionamento amoroso do filho com Joel é consequência de seu interesse pela dança, pois um menino “tem mais é que jogar futebol! Tem mais é que chutar bola para aprender a ser homem!” (Bojunga, 2018, p. 73). A fala de Rodolfo ressoa uma política de masculinidade entende o esporte como atividade central na constituição da masculinidade (Grossi, 2004, p. 8).

A oposição do pai às vivências afetivas do filho gera a falta de diálogo, representada na obra pelo solilóquio do rapaz, que prediz como seria a interação com seu genitor:

Pai, é o seguinte, você vai ter que aceitar, essa minha coisa é muito forte: eu tenho que dançar, eu quero dançar! Eu sei que ainda é cedo pra eu sair daqui da cidade e ir pr´um centro grande, pr´um lugar que tenha curso, que tenha tudo para a gente aprender a dançar; e eu sei também muito bem nenhum curso de dança nem... Peraí, pai, peraí, deixa eu acabar de falar, não começa já a ficar nervoso, eu só tô tentando explicar que eu não posso mudar, cada um é o que é, e se eu

resolvi que a dança é o que quero... calma aí, pai! Me dá uma chance de... Ah, mas que saco! Assim não dá pra conversar com você, mal eu começo a contar um troço e você já vem com esse negócio de que eu tenho mais é que jogar futebol; quantas vezes eu preciso te dizer que eu não gosto de me esfalfar atrás d´uma bola, eu gosto é de dançar! Mas eu não quero mais ficar dançando sozinho, pô! Eu preciso treinar com alguém que saque movimento corporal melhor do que eu!... Não tô gritando, não tô gritando, só tô falando explicado, eu preciso de uma parceira, ou de um parceiro, só que... Parceiro de dança pai, parceiro de dança... Ah, esquece. Não adianta querer conversar com você. (Bojunga, 2018, p. 61-62).

O excerto acima, no qual as reações de Rodolfo são sugeridas, estimula a leitura ativa e a inferência do leitor sobre como a relação entre pai e filho está desgastada por relações de poder familiar autoritárias. Como os sapatos cantados na música de Raul, Andrea tem que reprimir-se para caber na masculinidade mais estreita que seu pai lhe oferece, mesmo que doa.

Essa situação, no entanto, não impede o rapaz de experienciar uma masculinidade divergente, porém aumenta os seus conflitos internos. Ao discutir sobre sentimentos com seu tio, Leonardo, o jovem afirma:

às vezes fico pensando que podia ter calhado com uma mulher, e aí? Eu quero dizer assim: se uma mulher mais velha [...] tivesse me pegado [...] pra gente... transar... aí como ficava? Eu não era mais gay? [...] tem umas coisas que ele faz comigo que eu gosto sim, mas sei lá! Se uma mulher fizesse, vai ver eu também ia gostar..." (Bojunga, 2018, p. 194).

Ou seja, Andrea não adere a uma identidade gay, pois ainda está em busca de compreender a sua própria sexualidade. Além disso, sua fala sugere que sua experiência sexual com Joel é compreendida como ativa, já que uma mulher poderia fazer o que o outro rapaz faz com ele. De acordo com Grossi (2004) "Ser ativo, no senso comum a respeito de gênero, significa ser ativo sexualmente, o que para muitos significa penetrar o corpo da/o outra/o".

Os conflitos de Andrea e suas tentativas de conciliar seus afetos com a inquietação de não pertencer à masculinidade hegemônica e heterossexual, expressadas na dúvida sobre sua capacidade de sentir desejo/afeto também por uma mulher, remetem ao aspecto de formação/descoberta da sexualidade atribuído à juventude, reforçado pelo diálogo entre Paloma e Leonardo sobre uma paixão de infância que os dois tiveram pela mesma menina, Astrid. (Bojunga, 2018, p. 74-75). Logo, a obra nos suscita questões importantes sobre o *tabu* que há sobre essas experiências, o quanto elas são determinantes para a orientação



sexual ou para a identidade de gênero, e que mesmo se a masculinidade exige uma sexualidade sem conflitos.

Isto porque a sexualidade é vista como uma chave para a civilização moderna:

Asexualidade foi sequestrada ou privatizada como parte dos processos em que a maternidade foi inventada e tornou-se um componente básico do mundo feminino. O sequestro da sexualidade ocorreu, em grande parte, mais como resultado da repressão social do que da repressão psicológica, e estava acima de tudo relacionado a dois fatores: o confinamento, ou a negação da resposta sexual feminina, e a aceitação generalizada da sexualidade masculina como não problemática. (GIDDENS, 1993, p. 196).

É possível afirmar então que o próprio conflito a que Andrea se entrega é um marcador de sua dissidência aos estereótipos de gênero. Ao declarar-se confuso sobre sua sexualidade para outro homem, Leonardo, o adolescente materializa entre os dois uma prática geralmente considerada feminina: tratar dos sentimentos amorosos.

Contudo, as vivências de Andrea não se resumem a questionar sua orientação sexual e sofrer violência de gênero por parte de seu pai. O rapaz também é promotor dessa violência, reproduzindo a homofobia na relação conturbada que desenvolve com Joel, como podemos ver no excerto a seguir:

Porque era sábado, não tinha aula. E na sexta-feira de tardinha, sem ter marcado encontro nem nada, o Joel e o Andrea Doria se cruzaram no Largo da Sé. Pararam para bater papo. mas não demorou muito pro papo virar discussão, pra discussão esquentar e pro Joel dar as costas dizendo que não sabia se ia perdoar o que o Andrea Doria tinha dito pra ele. E quando o Andrea Doria, já arrependido do que tinha dito, correu atrás dele, o Joel se limitou a dizer que não queria ouvir mais nada, e que se por acaso resolvesse perdoar o André a Dória, na manhã seguinte estaria lá na beira do rio para pescaria que no começo da semana os dois tinham combinado. Andrea Doria ficou perturbado demais. (Bojunga, 2018, p. 157-158).

No romance, há um desequilíbrio na relação de Joel e Andrea Doria fundado na idade, na reafirmação intelectual de Joel – muitas vezes rude – e na própria insegurança de Andrea quanto à sua sexualidade. Estes desequilíbrios terminam por forjar uma relação violenta, no qual Andrea Dória se percebe dominado por Joel. Descobrimos depois que Andrea chamou Joel de “fresco” e “inútil”. O ataque com estes termos nos mostra que, apesar da busca por uma masculinidade diversa da caracterizada por Rodolfo, o que Andrea usa como ofensa, a homossexualidade e

a falta de atividade econômica de Joel, são representativas de uma posição conservadora sobre a ordem de gênero. Sob tensão, materializa-se a relutância em abrir mão do espólio patriarcal. Ao usar os termos “fresco” e “inútil”, diferencia-se de Joel e exige o reconhecimento da subordinação da identidade gay à sua masculinidade, que apesar das práticas não heteronormativas também não se consolidou como homossexual.

Portanto, a obra aborda questões de homossocialização, entre Andrea Doria e Rodolfo, Leonardo e Joel, além de discutir a homoafetividade e homossexualidade de forma complexa, profunda, possibilitando leituras que ultrapassam a utilidade pedagógica no tratamento sobre gênero para possibilitar diálogos profundos, empáticos, respeitosos sobre o tema. O combate à homofobia nestes termos ocorre através do acolhimento e da discussão mediada por uma obra de arte sensível e provocadora em igual medida, que propõe valores e vivências que podem levar os jovens a questionar suas próprias percepções sobre gênero na sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao cantar “Sapato 36”, o artista baiano Raul Seixas nos apresentou uma metáfora persistente: a dos sapatos como nossa própria identidade. Andar em sapatos que não nos cabem é um incômodo que chega a impedir a própria jornada. E se a literatura juvenil tem sentido seus pés apertarem pelas políticas de aquisição de livros pelo governo, andar com sapatos apertados tudo o que as discussões sobre diversidade sexual sabem fazer na escola.

Este artigo, nomeado como “Sapatos que nos cabem: diversidade sexual e literatura juvenil na escola”, buscou, a partir da literatura, encontrar na literatura sapatos mais confortáveis através da contribuição da obra Sapato de Salto, de Lygia Bojunga (2018), para promover a discussão sobre diversidade sexual, orientação sexual, identidade de gênero, entre outros temas fraturantes, na escola.

Por fim, apresentamos brevemente algumas convergências e divergências entre a obra Sapato de Salto e os discursos e teorias sobre gênero. Através do comparatismo literário multidisciplinar com a sociologia e documentos primários, foi estabelecido que, apesar das pressões morais e dos dispositivos legais que gerenciam a literatura juvenil brasileira, é possível a aprovação de obras pelo PNLD-Literário que promovam discursos respeitosos e empáticos sobre homossexualidade na escola, combatendo a homofobia através da arte.

## REFERÊNCIAS

BOJUNGA, Lygia. **Sapato de Salto**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2018.

BRASIL. **Decreto nº 90.099**, de 18 de julho de 2017. Dispõe sobre o Programa Nacional do Livro e do Material Didático. Disponível em [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/decreto/d9099.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/d9099.htm) . Acesso em 22 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD 2018: literário**. Ministério da Educação – Secretária de Educação Básica – SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: 2018. Disponível em: [https://www.fnede.gov.br/phocadownload/programas/Livro\\_Didatico\\_PNLD/Guias/Guias\\_PNLD\\_2018/Guia\\_PNLD\\_Literario\\_2018.pdf](https://www.fnede.gov.br/phocadownload/programas/Livro_Didatico_PNLD/Guias/Guias_PNLD_2018/Guia_PNLD_Literario_2018.pdf) . Acesso em 05 set. 2023.

BRASIL. **Temas contemporâneos transversais na BNCC** – Contexto histórico e pressupostos pedagógicos. Brasília: MEC/SEB, 2019b. Disponível em [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/contextualizacao\\_temas\\_contemporaneos.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/contextualizacao_temas_contemporaneos.pdf) Acesso em 10 set. 2023.

BUESCU, Helena. “Literatura comparada” In: CEIA, Carlos. **E-dicionário de termos literários**, 2009. Disponível em <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/literatura-comparada> . Acesso em 19 out. 2023.

CONNELL, R. W. “Políticas da Masculinidade”. In: **Educação & Realidade**, 20 (2), 1995: 185–206.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2011.

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: uma revisão teórica. In: **Antropologia em primeira mão**. Florianópolis: UFSC/Programa de Pós Graduação em Antropologia



Social, 2004. Disponível em: <https://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/files/2012/03/Visualizar3.pdf> Acesso em 10 set. 2023.

GUIA digital do PNLD2018 – Literário [Ensino Médio]. Disponível em [https://pnld.nees.ufal.br/pnld\\_2018\\_literario/etapa-ensino/2018-literario\\_ensino\\_medio](https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2018_literario/etapa-ensino/2018-literario_ensino_medio) . Acesso em 14 set. 2023.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Tradução Cid Knipel. São Paulo: CosacNaify, 2010.

INÁCIO, E. da C. Novas perspectivas para o Comparatismo Literário de Língua Portuguesa: as séries afrodescendentes. **Revista Crioula**, [S. l.], v. 1, n. 23, p. 12-34, 2019. DOI: 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2019.160606. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/160606>. Acesso em: 20 jun. 2021.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira: uma nova outra história**. Curitiba: PUCPress, 2017.

LIVRO distribuído na rede municipal é alvo de polêmica. Gazeta de Limeira [on-line], Limeira-SP, 08 ago. 2019. Disponível em: <https://gazetadelimeira.com.br/local/2147490928> . Acesso em 10 jan. 2024.

LUGARINHO, Mário César. “Masculinidade e colonialismo: em direção ao “homem novo” (subsídios para os estudos de gênero e para os estudos pós-coloniais no contexto de língua portuguesa)”. **Abril** (Niterói), v. 10, p. 15-38, 2013.

MEC. **Edital de Convocação 02/2018 – CGPLI**. Dispõe sobre o Edital de Convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras literárias para o Programa Nacional do Livro e do Material Didático PNLD Literário. Ministério da Educação – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Secretaria de Educação Básica. 02 abr de 2018. Disponível em [https://www.fnnde.gov.br/phocadownload/programas/Livro\\_Didatico\\_PNLD/Editais/PNLD\\_LIT/EDITAL%20PNLD%202018%20LIT%20-%203%20RETIFIC.%20-%2004.06.2018.pdf](https://www.fnnde.gov.br/phocadownload/programas/Livro_Didatico_PNLD/Editais/PNLD_LIT/EDITAL%20PNLD%202018%20LIT%20-%203%20RETIFIC.%20-%2004.06.2018.pdf) Acesso em 10 jan. 2024.